

ANNO I

O PÃO

NUM. 3

... da Paderie Espiritual

Numero avulso 100 rs.
Nao se acceptam assignaturas para capital

Numero anterior 200 rs.
[Nao se accepta collaboração.
Amor e trabalho

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos acceptar assignaturas, para o interior a 2.000 rs. por trimestre.
NOTA: o pagamento será adiantado.

O PÃO

Fortaleza, 6 de Novembro de 1892.

Artigo de fundo

(DO COMO SE EXPLICA O SUCESSO QUE TEVE «O PÃO»)

Faltariamos ao mais sagrado de todos os deveres conhecidos e concebíveis, si deixassemos de estampar na columna de nossa immediata e suprema responsabilidade o magnifico successo que teve o 2.º n.º d'«O Pão», graças a enormissima somma de seus apreciadores.

O successo que teve o 2.º n.º d'«O Pão» leitores, e, sem contestação alguma, o maior que tem tido até hoje a imprensa contemporanea, quer dizer a imprensa

vasada nos novissimos moldes da escola moderna.

Foi domingo ultimo, que hoje faz 8 dias.

Apenas os relógios da Sé e da Intendencia, com a vigilancia que que lhes é proverbial, e n'uma cadencia de verso mal medido ou de soldado mal disciplinado, annunciavam aos povos que eram com precisão chronometrica 8 horas do dia, a Paderie Espiritual sahia encorporada do respectivo forno, sobraçando 2.496 exemplares do 2.º n.º d'«O Pão».

Após um curto itinerario feito em torno da praça do Ferreira, installou se no Café Java.

Fazendo poneto de reducto d'aquelle popularissimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidéz de faminto a todo simples mortal que passava n'aquellas dependencias, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes «O Pão».

E foi des'arte que duas horas depois... duas horas!.. achiava-se completamente esgotada a edição de 2.496 exemplares do 2.º n.º d'«O Pão»!

E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem offerece-

mos «O Pão» o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a excepção de dois burguezes que tiveram o inaudito desplante de o recusar; um pela imperiosissima circumstancia de não saber ler, outro por se achar muito azoinado de umas malditas hemorrhoidas.

E mais, leitores.

«A Republica» por sua vez não regateou o seu concurso em favor d'«O Pão», declarando do alto de suas columnas que havíamos lavrado um tento, dando um «Pão» com muita verve, muito espirito, temperado enfim, apesar de ser de uma *panella* por muitos mechida.

Penhorados sobre-modo ao collega, sentimos apenas que sejamos obrigados a pedir-lhe uma ligeira corrigenda d'um engano de sua parte, que pode comprometter-nos. E' suppor que na Padaria existe *panella*, quando existe forno; mesmo porque em *panella* não se faz pão; faz-se "cuscús"

W. Tupiniquim.

—o—

Vestes de verde, formosa!
E nessa roupa faceira
Pareces uma roseira
De que teu rosto é a rosa.

A.

Entre duas moças: ■
— Quem passou na rua ha pouco?
— Foi um cavallo russo, de cauda aparada, muito esguio...
— Mas quem o montava?
— Ah! menina, não reparci!

SAGCO DE OSTRAS

(MAXIMAS E PENSAMENTOS)

O cylindro do prélo de um jornal politico é o rebêlo onde se afiam as navalhas da reputação alheia.

Moacyr Jurem ■

A pança de um burguez é o principio de seu castigo.

Satyro Alegrete. ■

Beethoven, surdo, teve uma consolação — a de não ter ouvido estropearem-lhe um trecho de musica.

Sarasat Mirim. ■

A Feira Velha é o Purgatorio dos pobres.

Anatolio Gernal. ■

O empregado publico teme mais um *cadaver* do que um *cadaver*.

Lucio Jaguar. ■

A missa é para o vigario um simples pretexto para matar o bicho.

Wencesláo Tupiniquim ■

Para os estragos causados por uma paixão o unico remedio é— outra paixão.

Alcino Bandolim ■

A lagrima da mulher é uma secrecção como qualquer outra.

Pavio Kandalaskaia

Sabbatine

5 de Novembro

A Burguezia. Aqui têm os analysts da moderna escola, os dissecadores de viceras sociaes, um título interessante para um livro de effeito em que se fizesse a autopsia escandalosa e implacavel d'essa porção da sociedade que tem a coragem inaudita de nos perseguir, a nós, argonautas intrepidos, revolucionarios do Bem, amigos da Verdade, que, trocamos desassombradamente todas as vaidades e todas as grandes d'este—mundo inclusive o crachá de commendador—pela delicia incomparavel de dizermos o que muito bem sentimos, pensamos e observamos. Porque, convençam-se os que vêm tudo—ceos e terras—pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, si a humanidade ainda sofre e geme, a culpa é d'ella, da Burguezia, esse flagello de todas as grandes virtudes, esse algôz da esthetica e do bom gosto, cujas aspirações, em summa, resumem-se n'este preceito ignobil: —*encher bem a pança e ganhar dinheiro.*

De vez em vez a Burguezia, zás! atira-nos com um punhado de asneiras, e nós zás! atiramos-lhe com o panno encarnado e, immediatamente, desfechamos-lhe farpas sobre farpas. É uma luta, qual havemos de sahir vencedores, porque queremos e temos força de vontade. Ora si...

Ha dias, na ultima partida do Club Iracema, um senhor gaiato (naturalmente algum burguezinho de fraldas) em má hora lembrou-se de fechar o registro do gaz. Imagine-se a balburdia, lá dentro, nos salões. Dançava-se, reio eu, uma quadrilha inferna

obrigada a apertos de mão e a machucadellas de callos. Donzellas, muito coradas á luz forte dos combustores de vidro, tinham o rosto lavado de suor e poeira, com vibrações nervosas no corpo franzino.

De repente—aquí d'el-rei! apagou-se a iluminação.—Bonito! fizeram uns. Homm'esta! disseram outros estatelados. E, todos a um tempo, procuravam a porta da rua, uma breçua qualquer, atarantados, cegos, asphixiados quasi, na escuridão. Eram apalpadellas, belliscões, gritinhos, empurrões, fanicos... o diabo!

Quem foi, quem não foi?

Eis a descommunal interrogação que surgiu com a luz.

A Burguezia nao se fez esperar: com seu dedo sujo de azinhavre, a sobrecasaca cinzenta de poeira, apontou um *padeiro* imaginario que tomava notas correctamente a um canto. E logo todo mundo que vive para a Burguezia e pela Burguezia, concordou que sim, que aquillo fóra obra de *padeiro*!

Ah! burguez d'uma figa, nu-saste calunniar assim a *Padaria Espiritual*! Pois bem, o nosso odio será eterno: nunca mais, nunca mais terás socego n'este mundo e no outro, grandissimo fascinora da civilisação. Mil Sobreiras te persigam!

Fiquem sabendo de uma vez para sempre os leitores d'*O Pão*, os amigos da *Padaria*, que nós somos incapazes, mas mesmo incapazes, de tão incorrecto procedimento, como somos incapazes de acreditar na infalibilidade das pillulas do Dr. Maya para sesões.

—o—

Entre as novidades assombrosas d'estes ultimos tempos nenhuma tão original, tão fim de seculo, como os *sonetos materia-*

istas do Snr. Mario Chaves, que a *Republica* tem publicado a guisa de papa-fina. Ao que nos parece toda a obra de Darwin e Büchner vai ser traduzida em versos *nephelibatas* pelo jovem (?) anthropologista.

Aqui para nós: o Snr. Chaves faria muito melhor e prestaria até um serviço relevante aos leitores da "Republica" si, em vez de *poesias materialistas*, escrevesse alguma cousa mais util e menos indigesta, não só porque pouparia-nos o trabalho de ler poesia sem arte, como também aproveitaria a sua intelligencia, aliás aproveitavel; dedicando-se a um estudo serio da origem e evolução do homem. Sim, porque o Snr. Chaves, discutindo em versos mal feitos, jamais achará a *chave* da "magna questão". Isso de rimar *authropoide* com *concoide*, *tercario* com «quaternario, geologico» com *cosmologico*, afinal de contas é perder tempo e papel ou, como lá diz o outro, malhar em ferro frio.

Concitamos o Snr Mario Chaves a estudar mais e a escrever menos.... puerilidades.

—o—

Circo. Partido azul e partido encarnado, trapezios, saltos mortaes, palhaçadas, disturbios, exposição de animaes conhecidos— tudo *chapa*. tudo a m smissima cousa de sempre Bello modo de ganhar a vida!

—o—

r do Pela primeira vez fomos ao cemiterio em dia de finados. E lá vimos o derradeiro amigo d'aquelles que em vida foram os nossos correigionarios, os nossos camaradas, os nossos amigos.

Como nós, creio que toda a população d'esta capital lá foi visitar os mortos, os esquecidos d'esta vida, porque desde pela manhã até a noite era extraordinario o vai-e-vem de gente no caminho do cemiterio. O que não podemos afirmar é si todos foram impulsionados pelo mesmo sentimento religioso.

F. Guanabarno.

—o—
MALACACHETAS

IV

Lá fóra o clarão da lua
Polvilha as casas de prata;
Corta o silencio da rua
Um rumor de serenata.

Um som' de flauta fluctua...
Canta alguém uma volata,
E c violão geme, estúa
Acompanhando a cantata.

Os trovadores vêm vindo...
Eu, gostosamente ouvindo,
Busco a modinha entender"

E ouço o cantor bradar lá:
« Inda hei de aqui volta
Sómentes para te ver! »

Moacyr Jurema

—o—

No Java

— Leve este café... está detestavel! Depois que o Mané Coco deu para marmorista, parece que vocês fazem café com pó de... marmore!

Cumulo de ourivesaria:
— Fazer um anel para o dedo... do Destino.

W'

Canção

Acorda, amor, desperta,
deixa o leito de rendas e escumilha
e vem, da tua janellinha aberta,
ver como geme a minha guitarrilha.

A noite está tão linda
que a gente sente perpassar de leve
dentro do peito uma alegria infinda
e um bom estar que a pena não descreve!

A lua enternecida
chora no espaço lagrimas prata,
enquanto tu no leito adormecida,
não vens ouvir a minha serenata...

As estrelas dormentes
vão desmaiando pela immensidade
com a languidez das virgens innocentes
n'uma noite de scisma e soledade...

Desperta, minha amiga,
a noite é bella como as virgens puras ..
Deixa que o mundo malfasejo diga
que nós andamos a fazer loucuras.

A nós que nos importa,
a humanidade hypocrita e falsaria?
Solta os cabellos, abre a tua porta...
A rua está silente e solitaria...

Resplandecente o céu
tudo de azul alegre e matisa,
o um farrapo de nuvem—branco véo—
vôa impellido pela fresca brisa

Não tarda vir o dia
quebrar da noite o mysterioso encanto,
deslumbrante de insolita alegria
sob as dobras fulgentes de seu manto.

Portanto, meu amor,
deixa nm momento o leito de escumilha
e vem, da tua janellinha em flor,
ver como geme a minha guitarrilha...

SATYRO ALBRETE.

Coará, Outubro de 93.

Cumulo de gastronomia :
Comer á sobre-meza uma
saanga de... camisa.

CELEBRIDADES CON- TEMPORANEAS

IV

Aracaty

Oriundo da terra que lhe deu o
nome, terra onde a Providencia
foi substituida pela Carnahuba,
este parreheiro assignalou sua
entrada no Prado por uma bri-
lhante victoria sobre o *Apollo*,
com o que muito elevou os brios
cearenses.

D'ahi para cá tem soffrido seus
revezes, devido á teimosia do
Valente, que, segundo dizem,
quer que elle, como o cavallo do
inglez, acostume se a passar sem
comer.

Não sei si isto é exacto ; o que
sei é que o *Aracaty* anda magro,
dallido, abatido e até com olheiras,
— assim com cara de ressaca...

A proposito, ouvi um sugeito
dizer no Cascata :

-- Que pena! Um cavallo tão
bom andar tão maltratado!

E accrescentou maliciosamente:

-- Dize-me com quem andas...

V

Merúoca

E' um cavallo de venetas : ha
dias em que parece ter azogue
nas veias ; ha dias, porem, em que
parece matuto de botinas novas.

Questão de temperamento.

Na ultima corrida ia n'uma car-
reira esplendida, o Carlos já fazia
calculos financeiros com o pre-
mio, quando de repente... catra-
puz! -- mette a venta no chão,
deixando o *jockey* esfregado e eu
e outros que tinhamos *poules* a
chuchar no dedo.

Isto, porém, não obsta que o
Merúoca seja um cavalheiro, que-

ro dizer, um cavallo digoo de apreço e da estima dos frequentadores do Prado.

VI

Meroveu

Um cavallinho brioso e já laureado em diversas pugnas, para orgulho do Xico, que já tem arrebitado as costuras de diversos *fracks*.

E' verdade que o *Meroveu* tem tido seus maus dias: e quando tal acontece, o Xico, coitado, marcha como um balão furado.

Notando que o *Meroveu* andava triste e nostálgico, o Xico teve uma idéa luminosa ..

Dias depois o *Meroveu* rinchava de prazer vendo diante de si sua extremosa mai (lá d'elle) e uma sua galante irmazinha.

O *Meroveu* está hoje inscripto no pareo de 2000 metros e naturalmente h' de querer fazer figura aos olhos maternos e ao mesmo tempo agradecer a gentileza do Xico.

Os jogadores devem, pois, comprar *poule* em primeiro no *Meroveu*.

M.

—o—

A tua bocca vermelha:
Como uma flor purpurina
Muda meu ser n'uma abelha
Só p'ra beijar-te, menina!

A.

—o—

Cumulo de confeitaria:
Temperar doce com canella...
deveado

W.

Musa Nephelibata

I

ANTONIO SALLBS :

Argonnata, onde está teu ideal thesouru.
A nova Colchida—esse encantado Paiz,
Onde teu genjo vai numa galera de ouro
Tendo por mareantes Colombos juvenis?

Illa de ouro e coral, de passaros contentes.
Onde cantam mil nimphas em festivo côro.
E ao luar rios gemem ais cavos e dolentes
Beijando a escada branca a algum castello
(mouru.

Terra que vejo em sonho desde creancinha.
P'ra onde ala-se-me o pensamento—essa
(andorinha
Q' and' buscando eternamente a primavera

Terra do ideal, oh' meu Novo—Mundo co-
(nhado
Abre-me o seio, ouve ao ente desesperado
Ao doido, ao sonhador, ao filho da Chimera

ANATOLIO GERVAI.

Ceará—92.

—o—

CARTEIRA

Folheando nossa carteira, encontramos as seguintes notas:

Ulysses Beserra o nosso querido camarada, acaba de ser piedosamente ferido por um golpe terrível: — seu irmão Nabor, aquelle valente rapagão que todos conheciam e estimavam, morreu-lhe nos braços, no dia 1 do corrente.

Uma verdadeira calamidade domestica a morte do pobre rapaz, que parecia ter saúde para viver 100 annos e que deixa em extrema pobreza suas desoladas irmãs.

O numeroso acompanhamento que teve seu préstito é uma prova da sympathia de que gozava em nosso meio

Emviámos ao Ulysses nosso sentido abraço de pesames.

O Partido Operario desta capital, pór intermedio de sua directoria, pede nosso auxilio para a kermesse que pretende realizar no dia 24 de Dezembro proximo em beneficio das aulas nocturnas que funcçionam no salão das sessões do mesmo Partido.

Pois não ? Fique certo o Partido Operario de que a Padaria achará um meio de concorrer para o exito de tão generoso designo.

A' falta de corridas no Prado, o povo tem corrido para o Circo que é um Deus nos acuda.

Os partidos azul e encarnado estão definitivamente organisados, e consta que o sr. deputado Agapito assumiu a chefia do primeiro.

Sobre os teus olhos sem par,
De um brilho suave e vago,
Anda minh'alma a boiar
Como um cysne sobre um lago.

S.

--Tens cigarros ?

--Cigarros não tenho ; mas charutos . . .

-- ?

-- . . . também não tenho.

Nosso collega d'*A Republica* está, sem duvida, sendo victima de uma brincadeira de mau gosto.

Nos seus ultimos numeros tem apparecido sonetos assignados por *Damaso Salcede*, que é nem mais nem menos do que um irrisorio e desfructavel typo d'*Os Meias de Rça Queiroz* !

Ora o *Damaso*, o monumental *Damaso do Eça*, fazendo sonetos para *A Republica* !

Tem graça . . .

O dia dos mortos teve este anno um esplendor nunca visto.

Enorme a quantidade de pessoas que affluiram ao cemiterio ; enorme a quantidade de corôas e flores naturaes que enfeitavam os tumulos.

O respeito e acatamento, devido aos mortos é que não foi enorme.

Não, senhores : 95 por cento dos homens que estavam no cemiterio conservavam seu chapéu na cabeça e a maior parte delles fumava com o mesmo desembaraço em que fuma na Avenida ou no Prado :

Nós, apesar de nossa liberdade de pensamento, tirámos nosso chapéu ao transpormos o portão e deitámos fóra nosso charuto ; entretanto a burguezia caróla procedia da maneira porque já dissemos acima.

E' realmente, muito engraçada a religiosidade dos senhores burguezes !

Mas — quem sabe ? Talvez essa gente fizesse bem em se conservar tampada . . .

Vem por ahi o Ficarra, o sympathico e talentoso artista, á frente de um companhia de operetas.

Ora, ainda bem que vâc ter um entretenimento as pessoas que não são correligionarias dos azues ou dos encarnados

Ha tempos me parafusa a mente certa lembrança : traçar na téla da musa o teu retrato, criança . . .

S.

Consta-nos que a Directoriop

Cassino propoz á Assembléa Legislativa a venda desse edificio com o fim de ser aproveitado para Bibliotheca Publica.

Ora, ahí está uma idéa contra a qual não podemos deixar de erguer nossa debil voz, porque, em nossa opinião, o Cassino só presta para o fogo.

Atirem os livros da Bibliotheca dentro d'aquella baiúca, e dentro em pouco o môfo e a traça terão dado cabo de todos elles.

O Cassino feito Bibliotheca...
Livra!

—o—

Cumulo de gulodice :
Comer bolos de... palmatoria.

W;

—o—

PELO ENCILHAMENTO

As corridas de hoje promettêm ser as melhores que tem havido no Prado, attento aos excellentes pareos que se acham organisados.

Como sujeito inteiramente enfarinhado em cousas sportivas, offereço aos leitores d'O Pão os seguintes palpites :

1.º pareo: *Beija-flor* em 1.º e *Colombo* em 2.º.

2.º pareo: *Csar* em 1.º e *Pachà* em 2.º.

3.º pareo: *Ernani* em 1.º e *Aventureiro* em 2.º.

4.º pareo: *Condor* em 1.º e *Fumaça* em 2.º.

5.º pareo: *Sirôco* em 1.º e *Trahira* em 2.º.

6.º pareo: *Medalhinha* em 1.º e *Fáisca* em 2.º.

—
Do Amozonas, com escalas pelo prado do Pará, onde bateu cavallos de meio sangue, chegou o cavallo *Jaçaná*, um bello animal castanho verme lho e muito elegante, de propriedade dos Srs. Francisco de Salles Torres, Palhabote & Antonio Amaral.

—
De Pernambuco chegou o cavallo *Flecha* ja exhibido no prado do Recife.

Apezar de barrigudo, o que desmente a esguez de seu nome, o *Flecha* é um cavallo fogoso, possante e de muito ôlego.

É' seu proprietario, o Sr. José Pio.

—
De S. Francisco, deste Estado, chegou o cavallo *Colombo*, um bonito e brioso castanho, pertencente ao Sr. Antonio Queiroz.

Acha-se inscripto para as corridas de hoje no 1.º pareo.

—
Tambem de S. Francisco, chegou *Othello*, um magnifico pedrez, de propriedade do Sr. Neutel Bastos.

Paulo Kandalaskaia.

—:—

Typ. d'O Combate— Rua Formosa n. 131.